



NICARÁGUA / Em meio a novas retaliações dos EUA e da União Europeia, que contestam reeleição, o ex-guerrilheiro inicia o quarto mandato consecutivo, tendo a primeira-dama como vice

Sob pressão, Daniel Ortega é empossado

Com a reeleição contestada por grande parte da comunidade internacional, o presidente da Nicarágua, Daniel Ortega, assumiu, ontem, o quarto mandato consecutivo ao lado da primeira-dama Rosario Murillo, sua vice. Horas antes de o casal prestar juramento numa cerimônia na Plaza de la Revolución, no antigo centro de Manágua, novas sanções foram aplicadas por Estados Unidos e União Europeia, que consideram a recondução de Ortega ao cargo ilegítima. Aos 76 anos, o ex-guerrilheiro sandinista conta com o apoio da China e da Rússia.

As novas ofensivas americanas e europeias atingem, além de familiares de Ortega, amigos próximos, funcionários e algumas entidades, como a polícia e o Ministério Público, por corrupção e violação de direitos humanos. Integram a lista Camila Ortega Murillo e Laureano Ortega Murillo, filhos do casal presidencial e que atuam como assessores. Camila também é diretora do canal de televisão Canal 13.

Washington e Bruxelas consideram que as eleições de 7 de novembro, com os principais adversários políticos do presidente presos ou no exílio, não foram democráticas. Em comunicado, o Conselho Europeu informou que os sancionados "são responsáveis por graves violações dos direitos humanos, incluindo a repressão da sociedade civil, o apoio a eleições presidenciais e parlamentares fraudulentas, e o enfraquecimento da democracia e do Estado de Direito".

"O presidente Ortega vai assumir hoje (ontem) para um novo mandato presidencial, mas as eleições pré-determinadas que ele forjou não lhe conferem um novo mandato democrático. Apenas eleições livres e justas podem fazê-lo", ressaltou o secretário de Estado da EUA, Antony Blinken.

Vários países latino-americanos, por meio da Organização dos Estados Americanos (OEA), também ignoraram a legitimidade das eleições e exigiram a libertação dos opositores presos. Na votação de 7 de novembro passado, Ortega obteve quase 75% dos votos, segundo os dados oficiais.

Maynor Valenzuela/AFP



O ex-guerrilheiro e a esposa, Rosario Murillo, a quem ele chama de "copresidenta": filhos são alvo de sanções

As ações da comunidade internacional foram descritas pelo governante sandinista como agressões contra seu país. Ele também acusou os Estados Unidos e a UE de "ingerência e desrespeito à soberania" e pediu, ainda em novembro, o início do processo de retirada do país da OEA.

Desafios

Para o analista Manuel Orozco, membro do Diálogo Interamericano, Ortega e Murillo inauguram o mandato "não sem desafios" devido à pressão internacional, descontentamento dos cidadãos, uma situação socioeconômica gravemente deteriorada e forte dissensão entre sua base governamental e a elite sandinista. Ortega,

segundo Orozco, tenta equilibrar esses desafios aproximando-se da Rússia e da China, mas sem fazer mudanças políticas internas, preservando o aparato repressivo e mantendo os presos políticos como um cartão de transação.

Nesse contexto, o ex-guerrilheiro retomou as relações diplomáticas com a China em 9 de dezembro, após desfazer os laços que o país mantinha por mais de 30 anos com Taiwan e reconhecer o princípio de "uma China". O restabelecimento das relações com Pequim foi acompanhado de uma doação de milhares de vacinas e três semanas depois o país asiático abriu a sua embaixada em Manágua.

Também estreitou seus laços com Moscou, que lhe proporcionou ampla cooperação, desde trigo, vacinas

anticovid, ônibus para renovar o transporte coletivo até uma estação de satélite.

Para a cerimônia de posse foi confirmada a presença de delegados da Rússia, Irã, Coreia do Norte, Síria, Cuba, Venezuela, Honduras, Belize, Vietnã, Laos, Camboja, Angola, Turquia, Belarus, Turquia, Egito, Malásia e Iêmen. Na lista de convidados, vários chanceleres, incluindo os da Bolívia, México, Palestina e República Árabe Sarauí Democrática.

O presidente chinês, Xi Jinping, nomeou Cao Jianming, vice-presidente do Comitê Permanente do Congresso Nacional do Povo, como enviado especial. O primeiro chefe de Estado a desembarcar em Manágua foi o presidente de Cuba, Miguel Díaz-Canel. Além dele, compareceu apenas Nicolás Maduro, da Venezuela.

UCRÂNIA

Rússia diz aos EUA não ter intenção de atacar

Após conversas com negociadores dos Estados Unidos, Moscou garantiu, ontem, que não intenciona atacar a Ucrânia. Americanos e russos asseguraram que querem continuar com o diálogo perante uma desescalada, embora tenham persistido em suas advertências mútuas. "Gostaria de acreditar (na Rússia)", declarou a embaixadora dos EUA nas Nações Unidas, Linda Thomas-Greenfield. "Gostaria que fosse verdade, de que eles não têm planos, mas tudo o que vimos até agora indica que eles estão indo nessa direção", ressaltou a diplomata.

As negociações, em Genebra, na Suíça, foram lideradas pela vice-secretária de Estado dos EUA, Wendy Sherman, e seu colega russo, o vice-ministro das Relações Exteriores, Serguei Riabkov. O diálogo ocorreu em meio a temores de uma invasão russa a seu vizinho pró-ocidental e com o Kremlin exigindo amplas concessões de Washington e seus aliados da Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan).

Encerrada a reunião, o vice-chanceler russo afirmou que seu país não tem "planos ou intenção de atacar" a Ucrânia. Riabkov assinalou que as dezenas de milhares de soldados destacados nas fronteiras estavam lá porque seus rivais ocidentais também aumentaram sua presença.

Custos

Por sua vez, Wendy Sherman disse que havia insistido com seu homólogo

russo que uma eventual invasão da Ucrânia geraria custos significativos — "enormes" — por parte dos países ocidentais. E que Moscou poderia iniciar uma "desescalada" fazendo com que todos os militares concentrados na fronteira "retornem aos seus quartéis".

Em relação à reivindicação chave da Rússia, ou seja, obter garantias de que a Otan não irá expandir e que, ao contrário, reduzirá a sua presença militar nas proximidades da Rússia, Riabkov se mostrou mais positivo do que no dia anterior. "Temos a impressão de que o lado americano levou muito a sério as propostas russas", disse. Segundo ele, "a situação não é desesperadora", ainda que não se possa "subestimar os riscos relacionados ao agravamento da evolução do confronto".

"É preciso avançar, é necessário um verdadeiro gesto em relação à Rússia e isso deve partir da Otan", ressaltou o vice-chanceler. Ele enfatizou que "nunca, mas nunca" a Ucrânia deve aderir à Aliança Atlântica. Para Riabkov, as concessões à Rússia devem ser feitas rapidamente e o processo de negociação não deve levar "meses ou anos".

Já Sherman informou, em tom conciliatório, que os Estados Unidos apresentaram "uma série de ideias que nossos países podem adotar como ações recíprocas que atenderiam nossos interesses de segurança e melhorariam a estabilidade estratégica". No entanto, a diplomata alertou Moscou que a "política de portas abertas" da

AFP



Militar ucraniano caminha em trincheira na linha de frente do combate

Otan continuará a ser aplicada apesar dos pedidos da Rússia.

Explosão

Longe de Genebra, no leste da Ucrânia, dois soldados ucranianos foram mortos em uma explosão, os primeiros óbitos este ano na linha de frente dos combates separatistas. No domingo, o chefe da diplomacia americana, Antony Blinken, pressionou o presidente Vladimir Putin para que evitasse uma nova agressão contra a Ucrânia e desse prioridade à diplomacia.

As negociações de ontem abrem uma semana de diplomacia entre a Rússia e o Ocidente, após Moscou reunir dezenas de milhares de tropas na fronteira ucraniana, levando os Estados Unidos e a Europa a um confronto que lembra a Guerra Fria.

Os ocidentais ameaçaram o Kremlin com a adoção de sanções "em massa" se houvesse novos ataques à Ucrânia. A Rússia exerce intensa pressão sobre o país desde 2014, após a derrubada de um governo pró-Kremlin, contrário à aproximação do país com a Europa.

VENEZUELA

Oposição vence em berço do chavismo

Pela primeira vez em 24 anos, Barinas, estado natal do ex-presidente venezuelano Hugo Chávez, morto em 2013, será governado pela oposição. Os adversários políticos de Nicolás Maduro repetiram a histórica vitória na eleição para governador alcançada em novembro e que foi anulada judicialmente. Desconhecido na política nacional, o opositor Sergio Garrido venceu com 14 pontos de vantagem sobre o ex-vice-presidente e ex-chanceler Jorge Arreaza, que dispôs de todo o poder do governo à disposição durante a campanha.

Garrido conquistou 172.497 votos (55,36%) no primeiro boletim oficial, enquanto Arreaza ficou com 128.583 (41,27%). Um terceiro candidato, Claudio Fermín, acusado de colaborar com o chavismo para dividir o voto da oposição, obteve 5.996 (1,77%).

"O povo nobre, leal e valente de Barinas conquistou a vitória", comemorou Garrido, ao romper com as mais de duas décadas de hegemonia chavista no estado. Arreaza. O ex-chanceler de Maduro, que foi genro de Chávez e é pai do primeiro neto do ex-presidente, reconheceu a derrota no Twitter mais de uma hora antes do resultado oficial ser conhecido.

A votação do último domingo ratificou a vitória iminente da oposição em 21 de novembro do ano passado, que foi anulada pelo Supremo Tribunal de Justiça (TSJ), pró-governo. Na época, prevaleceu a alegação de que o candidato da oposição, Freddy Superlano, estava desqualificado devido a investigações judiciais.

A Corte afastou também a mulher de Superlano, que seria sua substituta, e um terceiro candidato, deixando Garrido, eleito para o parlamento regional em novembro, como quarta opção. Ao saber da vitória de Garrido, o ex-candidato impugnado celebrou: "A mesma expressão popular que foi apresentada no dia 21 (novembro) foi apresentada, desta vez com mais força."

A popular canção Linda Barinas foi entoada sem parar pelo comando da oposição, que explodiu em aplausos quando o resultado foi divulgado. "Há muito tempo que esperávamos por esta vitória", comemorou Karmin Sánchez, um ativista de 21 anos do partido de oposição. Uma plataforma com uma tela gigante que o chavismo instalou para comemorar uma eventual vitória ficou vazia, na escuridão, muito perto de sua base de campanha.

Simbologia

Localizado no oeste da Venezuela, o estado de Barinas, ao longo dos anos, tornou-se uma espécie de lugar culto da Revolução, com a família Chávez sempre à frente. A dinastia do governo começou com o pai do ex-presidente, Hugo de los Reyes (1998-2008), e terminou com seu irmão Argenis (2017-2021), que aspirava à reeleição, mas renunciou.

A direção do Partido Socialista Unido da Venezuela (PSUV) nomeou, então, Arreaza como candidato. Aos 48 anos, seu vínculo com Barinas se dá por meio de Chávez. "Nós não alcançamos os objetivos. Por enquanto", disse Arreaza, remetendo à frase que catapultou Chávez à fama depois de fracassar em uma tentativa de golpe em 1992.

AFP



Sergio Garrido celebra a vitória em Barinas: fim de um ciclo